O Peso do Invisível

DuskLight

Santo Amaro da Purificação, Bahia

DuskLight
DUSKLIGHT

Carta de Abertura – Prólogo Confessional

> *Escrevo este livro como quem sangra palavras na*

página em branco — não por vaidade, mas por necessidade.
Cada verso, cada pensamento aqui, nasceu do caos, da dor, da saudade, do amor que não soube ser, da culpa que ficou, das horas que escorreram como areia entre os dedos.

Este não é um livro sobre respostas. É sobre ecos. Ecos do que não foi dito, do que doeu demais para caber num grito.
Se você chegou até aqui, talvez também sinta o peso do invisível.

Que essas páginas abracem o que ninguém vê em você.
— DuskLight

Sumário

32534. Átomo Primordial
32535. Tears: O Tempo Devora Tudo
32536. Inevitável
32537. Vida
32538. Caminhos de Saudade: A Dança da Dor e do Amor

32539. O Preço da Saudade
32540. Fragmentos do Invisível
32541. Praça da Purificação – O Coração da Ausência
32542. Ilustrações Poéticas (com Legendas)
32543. Carta de Adeus

Átomo Primordial

Toda a teoria do universo,
Com seus mistérios profundos,
A origem do homem, do verso,
Vem da partícula, do mundo.

O átomo primordial,
De densidade infinita,
De alta temperatura, real,
Origem de tudo, bonita.

Mas a garota dos sonhos,
Tão perfeita e complexa,
Não veio de átomos tristonhos,
Mas de algo que reflete e flexa.

Deus, com sua sabedoria,

Criou a beleza sem igual,
Os cientistas com sua teoria,
Esqueceram o divinal.

Eva, de tamanha perfeição,
Feita à imagem de Cristo,
A prova da criação,
Do amor mais altruísta.

Decifrar o coração é perdido,
Como se no mar do amor naufragar,
Ser diferente é o sentido,
Da vida que queremos alcançar.

A paixão nos faz enfrentar
O fardo da inconsequência,
O sonho individual, o pesar,
Que clama pela clemência.

Verdade ou mentira, a sinceridade segue,
No caminho do entendimento,
Solidão ou saída, a que nos rege?
No fim, um novo sentimento.

Vivemos em mundos paralelos,
Buscando compreensão e compaixão,
Sentir amor verdadeiro, singelo,

É a busca do coração.

Não ser como todos os demais,
Buscar um amor desprovido de vaidade,
A intensidade que vale mais?
O medo de perder por covardia?

Quando me perdi? Ou me encontrei nela?
Tola utopia ou realidade?
O dia amanhece com o Sol ou com ela?
Sua saudade é minha paz, de verdade.

Nosso próximo passo, uma distância corrosiva
Entre um ser e outro, uma sentença.
Ser ou não ser? Questão decisiva.
Cada pensamento no meu coração é presença.

"O que eu sinto é grande",
Transborda ao ponto de eclodir.
Demonstro e amo; não me escondo.
Esse amor é o que me faz existir.

Tears: O Tempo Devora

Tudo

Santo Amaro da Purificação, 17 de janeiro de 2025, 16h30.

Em um tempo caloroso, um vento frio e duvidoso, caio no meu maior questionamento.

Existe uma semente para cada árvore que emana seu verde e seu oxigênio. Mas toda árvore leva tempo para crescer. E enquanto cresce, o tempo se estica, se contorce, se arrasta... tempo esse que será respirado por alguém, por mais um ser humano que nasce e que, cedo ou tarde, será esmagado pela realidade.

Mas o que é o tempo?

“O tempo é o mais sábio dos conselheiros,” dizia Píndaro. Mas o que ele nos ensina? Que somos como areia ao vento, sempre sendo arrastados para o abismo, incapazes de escapar do que é inevitável. O tempo é um carrasco invisível. Ele dita regras, mas não as segue. Ele finge ser exato, mas é uma ilusão. O relógio gira, o sol nasce e morre, e nós somos apenas passageiros de um trem sem destino, presos num ciclo que nos esmaga um pouco mais a cada dia.

E se eu te disser que você não tem 24 horas para viver? Se eu

te disser que sua vida é um empréstimo? Que tudo é um engano?

Passamos a vida inteira correndo atrás do tempo, mas quando finalmente o encontramos, como o usamos? Em festas, em bebedeiras, em vícios, em prazeres momentâneos que anestesiam a dor por algumas horas, mas que, no fim, só a tornam mais insuportável.

Subo ao alto da Igreja da Purificação e olho para a cidade. E tudo o que vejo é desespero disfarçado de rotina. Vejo dona Maria na feira, tentando vender um tomate para, quem sabe, ao final do dia, ter uns trocados e um instante de paz com os netos. Vejo seu Tinoco, de carrinho de mão, arrastando a semana para, no domingo, conseguir comprar mais um litro de veneno para beber.

E me pergunto: por quê?

Por que é assim?

“A vida é realmente simples, mas nós insistimos em torná-la complicada,” afirmou Confúcio. E por que complicamos tanto? Por que tornamos o que é simples tão inatingível? Por que todo mundo encontra tempo, mas quase ninguém sabe usá-lo? 99,9% gastam esse tempo se destruindo. Bebendo até esquecer o próprio nome. Se jogando em braços que não

aquecem, apenas devoram. Procurando no prazer vazio uma saída para a dor que nem sabem nomear.

E um dia, o tempo será longo demais para pouca gente...

Mas então vejo dona Maria de novo. E percebo que ela luta por um tempo diferente. Um tempo para amar.

Mas amar, aqui, é quase um crime.

Na minha escola, ando pelos corredores e vejo tudo. Eu vejo tudo. E tudo o que vejo me enoja. Prostituição disfarçada de "liberdade". Brigas disfarçadas de "desabafo". Política disfarçada de "justiça". Pessoas que fingem viver, mas que estão mortas por dentro.

“O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete,” já dizia Aristóteles. E, refletindo, vejo que todos estão afundando, cegos pela ilusão de um mundo que não existe. Todos afundam, mas se convencem de que estão flutuando.

Entro na sala de aula. O professor fala. Tenta ensinar algo que talvez ninguém vá ouvir. E, se ouvirem, de que adianta? Para quê ensinar matemática, se no futuro ela só servirá para dividir o salário entre as noites vazias e os corpos comprados? Para quê ensinar química, se ela será usada para criar drogas ainda mais destrutivas? Para quê ensinar arte, se a única arte

que importa é a de se perder?

Eles ensinam de tudo.

Menos a viver.

“O homem é a medida de todas as coisas,” dizia Protágoras. Mas que homem é esse? Um homem sem direção, sem sentido, perdido na busca incessante por algo que nem sabe o que é? E como medir o que não existe? Como medir um vazio?

Heráclito disse que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, porque nem a pessoa, nem a água, são as mesmas. Mas e se nunca tivermos saído desse rio? E se, na verdade, estivermos nos afogando nele? Nos debatemos, engolimos a sujeira, vemos os corpos flutuando ao nosso redor — e chamamos isso de viver.

Sêneca disse que não recebemos uma vida curta, mas fazemos dela curta. E ele estava certo. Mas hoje, fazemos pior. Não apenas a encurtamos. Nós a rasgamos. A prostituímos. A trocamos por moedas enferrujadas e mentiras bem contadas. Não vivemos, apenas gastamos os dias, como se tivéssemos muitos.

Platão acreditava que a realidade que vemos é apenas a

sombra de algo maior, uma ilusão projetada na parede de uma caverna. Mas e se não existisse luz do lado de fora? E se tudo fosse só escuridão? As sombras se tornariam reais, os pesadelos se tornariam cotidianos. Talvez seja por isso que as pessoas bebem, usam drogas, se vendem — não para fugir da realidade, mas para evitar perceber que nunca houve uma.

Nietzsche declarou que Deus estava morto. Mas se Deus morreu, o que sobrou? O que restou quando enterraram a moral, a ética, o amor verdadeiro? Sobrou apenas a selva. A selva vestida de cidade, onde todos fingem ser civilizados enquanto se devoram uns aos outros.

Camus falou sobre o absurdo da vida, sobre a busca incessante por sentido em um mundo que não tem nenhum. E se ele estiver certo? E se tudo isso — o tempo, a corrida, as regras, os medos — não passar de um teatro ridículo onde fingimos que algo importa?

E eu?

Eu vejo tudo. E tudo me destrói.

Vejo um mundo onde uma raiz quadrada
é mais importante do que um coração que pulsa dentro do ventre.
Onde um "eu te amo" se desgasta como o chão sujo de um bar

qualquer.
Onde o futuro não existe,
porque o presente já está podre.

E eu estou sufocando.

Estou gritando sem som.
Estou tentando me segurar,
mas o tempo me puxa,
me arrasta,
me devora.

E o tempo ri.

Ele sempre ri.

Porque ele sabe que, no fim,
todos nós seremos pó.

“Ai de vocês, os ricos, porque já receberam a sua recompensa. Ai de vocês, que agora estão satisfeitos, porque terão fome. Ai de vocês, que agora riem, porque gemerão e choraram” (Lucas 6:24-25).

O que resta quando o riso se torna grito e a satisfação se transforma em miséria? O que restará de um tempo que, ao invés de ser vivido, é desperdiçado?

Ai de nós, que, com tudo ao alcance das mãos, nos esquecemos de viver. Ai de nós, que preferimos ignorar a dor que nos envolve, até que ela nos consuma por inteiro.

"Somos escravos do tempo, mas não conseguimos perceber que somos nós quem o criamos", afirma minha filosofia. O tempo nos devora, mas somos nós quem lhe damos poder. Até que, um dia, ele se torne o único senhor da nossa existência. E tudo que sobra será o eco do que poderíamos ter sido, se tivéssemos escolhido não ser escravos.

Inevitável

Tudo o que é eterno pesa.
Tudo o que é belo fere.

E mesmo sabendo que o fim é certo,
insisto em me lançar no abismo de sentir.

[Insira aqui qualquer complemento do texto, se houver.]

Vida

> *"O que é a vida?"*
> *Talvez não saber seja a única resposta verdadeira.*
> *Vivemos entre o querer e o não querer,*
> *entre o ser e o deixar de ser.*

Talvez viver seja esse movimento entre o desejo e a aceitação. Um constante recomeçar, mesmo quando o presente se dissolve em névoa.

Caminhos de Saudade: A Dança da Dor e do Amor

Esta não é uma carta de amor. É um pedido de perdão que nunca chega.
Te amei no tempo errado, e agora caminho com tua ausência nas mãos.

[INSERIR IMAGEM PARA "Caminhos de Saudade": Ilustração

que represente a dança entre luz e sombra, sugerindo culpa e memória.
Legenda: "No fio tênue entre culpa e amor, dançam as sombras do que fomos."]

Poema: O Preço da Saudade

> *Quanto vale aquilo que te falta?*
> *Um segundo perdido na infância,*
> *um riso que não volta,*
> *ou um abraço que só existe na memória?*
>
> *Quanto custa aquilo que te acende por dentro?*
> *Um sonho?*
> *O ato de sonhar?*
> *Ou a ousadia de continuar vivendo,*
> *mesmo quando a vida parece ausente?*
>
> *São tantos preços,*
> *tantos destinos —*
> *mas tudo parece caro demais*
> *pra valer tão pouco...*
> *Ou talvez, valha tudo,*
> *justamente por ser caro demais.*

Fragmentos do Invisível

“Toda ausência é um espelho quebrado.”
“Fui feito de urgências que o mundo não quis ouvir.”
“O tempo não cura; ele ensina a sangrar em silêncio.”
“Viver dói, mas morrer sem sentir dói mais.”
“Às vezes, penso que fui inventado pela tristeza.”

Praça da Purificação – O Coração da Ausência

A praça não mudou. Eu mudei.
Cada banco carrega um silêncio, cada árvore é testemunha de um olhar não dado, de uma conversa interrompida pela pressa da vida.

[INSERIR IMAGEM PARA "Praça da Purificação": Ilustração da Praça da Purificação em preto e branco, com aura onírica e

melancólica.
Legenda: “Aqui, onde tudo ecoa, sou parte do silêncio.”]

Ilustrações Poéticas (com Legendas)

- [INSERIR IMAGEM: Abstrata, linhas confusas como galhos secos]
  Legenda: “O pensamento cresce torto, como uma árvore que nunca viu o sol.”
- [INSERIR IMAGEM: Silhueta humana em meio à névoa]
  Legenda: “Sou apenas um vulto na memória de mim mesmo.”
- [INSERIR IMAGEM: Rosto fragmentado em cacos de vidro]
  Legenda: “Tentei me entender, mas só encontrei estilhaços.”
- [INSERIR IMAGEM: Coração desenhado como labirinto]
  Legenda: “O amor mora em ruas sem saída.”

Carta de Adeus – Epílogo

> *Eu tentei ser leve. Tentei ser vento, mar, flor. Mas minha essência sempre foi abismo. E o que entreguei de mim foi o que sobrou depois de tentar ser tudo.*
>
> *Se estas palavras te alcançarem, saiba que ainda penso em você com a ternura de quem não esquece, mas aprendeu a seguir.*
>
> *Adeus, não por falta de amor — mas por excesso de dor.*
> *— DuskLight*

Escrito em Santo Amaro da Purificação, Bahia.